

**Psicanálise na tormenta
Psicanalistas brasileiros testemunham¹**

*Luiz Eduardo Prado de Oliveira
Olivier Douville*

Resumo

Apresentamos testemunhos sobre o impacto da ascensão do fascismo na prática da psicanálise e reflexões de intelectuais a ela ligados. Raramente vivemos uma tal tormenta. Como psicanalistas reagem em suas clínicas ao impacto do discurso virulento do ódio? E aqueles que são acusados por este discurso, pretos, homossexuais, entre outros? Sabemos que o ódio visa eliminar tudo o que lhe escapa, a excluir o maior número possível de pessoas. Apresentamos aqui algumas respostas de psicanalistas e de seus amigos a estas perguntas, as quais deviam comportar no máximo um certo número de caracteres. Tivemos que reescrever todas elas, o que fizemos em colaboração com os autores. Quaisquer êrro nas traduções de suas respostas para o português é de minha responsabilidade².

Palavras-chave

Clínica - luta - populismo - fascismo - psicanálise

¹ *Psychologie Clinique*, n° 47, 2019/1. sous la direction d'Olivier Douville et Claude Wacjman, Paris, EDP Sciences, pp. 181-194.

² Esta tradução em tempo recorde foi realizada por DeepL Pro, revista e corrigida por Prado de Oliveira.

O Brasil dói

Esther Solano Gallego³

Espanhola, vivo no Brasil há oito anos. É a minha casa que escolhi e o país que me acolheu, é o meu país. É um país que fascina, mas dói.

Há dois anos que estudo este fenómeno. Entrevistei as pessoas que elegeram Bolsonaro. A luta contra seu projeto antidemocrático tornou-se minha vida. Fiz dela minha pesquisa, meu ativismo. Sempre acreditei que era fatal para a academia se esconder dentro dos muros, entre as elites, longe das pessoas. O conhecimento deve chegar às ruas e falar com as pessoas. Se não for usado para melhorar suas vidas, então é inútil. Coloquei meus conhecimentos a serviço da sociedade brasileira. Nos meses que antecederam as eleições, dei tantas conferências e entrevistas à imprensa nacional e internacional que cheguei às urnas exausta, especialmente porque minha pesquisa mostrou que Bolsonaro não só ganharia as eleições, mas que seus projetos teriam êxito. A bolsonarização da sociedade brasileira é um fato. Durante minhas entrevistas, uma palavra foi repetida, insistente: esperança. Bilhões de pessoas deram suas esperanças a monstros. Ainda não sei como agarrá-lo. A compreensão de que o ódio é uma possibilidade real é um soco no estômago.

Na noite da contagem dos votos, fui ao hotel alugado pelo Partido dos Trabalhadores para que seus militantes recebessem juntos os resultados. Não sou um deles, mas essa escolha foi a da democracia. Tenho uma memória epidérmica dos resultados nas telas. Um silêncio sepulcral. Foi uma noite de morte, luto e perda. O desânimo impediu-me de falar. A barbaridade tinha vencido, as palavras pareciam insignificantes, não diziam mais nada. Só a dor e o silêncio ainda o faziam. Felizmente, meu companheiro esteve sempre ao meu lado. Na rotina, o amor permanecia, a resistência, a política.

Foi um domingo de luto, mas uma segunda-feira de luta. Acordei outra, pensando nos quarenta e sete bilhões de brasileiros que votaram no PT, com a memória das manifestações #EleNão (#PasLui) que tinham lavado minha alma, certo de que o Brasil que havia escolhido Bolsonaro também tinha escolhido deputados ativistas, negros, índios, transexuais. Que o Brasil merecia uma luta. Acordei com a ideia de que este poder quer tristeza e que seria um fracasso me abandonar a ela. Este poder e os fascistas odeiam a alegria, a alegria e a esperança são armas contra eles.

³ Socióloga, professora da l'Universidade federal de São Paulo, publicou o livro *O ódio como política*.

Preto, negro, mulato
Uma população e suas eleições

Silvio de Almeida⁴

Quando me perguntam como me senti depois das eleições de 2018, respondo, sem qualquer cinismo, que me senti normal. Normal, sim. Normal significa "muito mau". Normal não é sinónimo de natural. Normal significa que eu, um negro, vivo o que outros sofrem todos os dias — violência, racismo, exploração. Muitos consideram este novo governo uma “exceção”, um discurso legitimado pelo voto. Por isso, digo que o ódio, a violência e o racismo se tornaram aberta e explicitamente a norma, uma forma de governar.

Como pode um país que até ontem era considerado uma democracia, jovem mas estável, agora económica, social e politicamente destruído? Como poderia o país da diversidade, da “democracia racial”, eleger alguém sem qualquer compromisso com os valores democráticos, cujas propostas defendem a destruição de um frágil sistema de proteção social? As respostas a isto são baseadas em dois eixos.

Primeiro, a violência, especialmente contra os negros, sempre foi central no Brasil. Em 2017, houve aqui sessenta e três mil oitocentos e oitenta assassinatos, números de países em guerra. Setenta e um por cento destes homicídios são de jovens negros. Durante anos, este verdadeiro genocídio foi denunciado. A análise de gênero é ainda pior. A mortalidade entre as mulheres brancas diminuiu sete vezes e meia, enquanto a das mulheres negras aumentou vinte e um por cento⁵. O Brasil, portanto, aceita a violência racial como normal, apostando ingenuamente na Justiça para a contenção da barbárie. No entanto, a violência racista diária depende da participação ou, pelo menos, da conivência do sistema judicial. A crise que começou em 2013 destruiu as últimas barreiras contra este sistema e seus agentes, o que lhes deu uma aura de imparcialidade e legalidade. Agora está claro que a exceção é a verdadeira ordem, e que políticos “iluminados” ou “moderados” se tornaram disponíveis. Hoje, no Brasil, “ordem” e “violência” são sinónimos, especialmente para minorias e defensores dos direitos humanos.

O segundo eixo de resposta às nossas perguntas vem de conflitos em torno dos benefícios públicos - transferências sociais de

⁴ Avocat, président de l’Institut Luiz Gama et professeur à la Fondation Getúlio Vargas.

⁵ IPEA (Institut de recherche économiques appliquées) et Forum brésilien de sécurité publique.

renda (apoio às famílias pobres - bolsa família - e cotas raciais de acesso às universidades), instituídos pelos governos do Partido dos Trabalhadores (PT). Uma intensa campanha conduzida pela imprensa e através de redes sociais financiadas por empresas nacionais e internacionais com o objetivo de acabar com tais cotas. O racismo desempenhou um papel central nestas campanhas, uma vez que as populações negras foram os principais beneficiários desta transferência social. A morte de pessoas de cor será mais aceitável se elas estiverem fora da escola ou com uma educação precária.

Sabemos que o Império está tentando aumentar a opressão em suas colônias e em relação às suas minorias. Esta deterioração do tecido social e político ocorreu num país que nunca enfrentou os traumas da sua história e quis acreditar que só a legalidade os ultrapassaria. O Brasil nunca enfrentou as consequências de uma escravidão que terminou há pouco mais de um século, nunca enfrentou seus períodos ditatoriais e nunca projetou um currículo escolar que pudesse estudá-los e forjar valores democráticos consistentes. No final, o racismo estrutural da sociedade brasileira dará origem a armas contra brancos que se oporiam ao “capitalismo do caos” com que o governo eleito sonha. Recordemos, no entanto, que os negros resistiram a séculos de violência. O estudo da nossa capacidade de resiliência ajudará na formulação de novas formas de organização política e estratégias para combatê-la.

**"Tua hora vai chegar":
ameaças contra pessoas LGBTx no Brasil**

Lucas Bulgarelli⁶

Foi alguns dias antes da eleição de Bolsonaro. Meu companheiro e eu saímos de mãos dadas. Não muito longe de casa, em um carro, dois homens olhavam para nós, suas mãos como revólveres apontavam para nós, símbolo da campanha Bolsonaro, que prometia o porte generalizado de armas. Soltamos nossas mãos. Pouco depois, virei-me. Continuavam nos observando, brincando de nos matar.

Eu estava escrevendo sobre a crescente violência contra pessoas LGBT, sobre os paradoxos de um país que fez da diversidade e da transgressão uma mercadoria de exportação, e onde um número expressivo de pessoas se pronunciava contra todos os tipos de diferenças.

Esse infeliz incidente me fez perceber que a própria violência contra pessoas LGBT foi outra transgressão. A eleição de um presidente com declarações homofóbicas tornou-se suprema perversão. Somos o país do mundo onde mais LGBTs são mortos, de acordo com a *Transgender Europe*. Os assassinatos de LGBT, acompanhados de desfiguração, são tão frequentes que já não fazem manchetes. Durante as eleições, isso piorou, pois o país estava vivendo em antecipação à legalização do crime. Ao mesmo tempo, o ódio contra personalidades LGBT ou contra sua comunidade se espalhou nas redes sociais, ou em uma certa imprensa ou canais de televisão ligados a grupos religiosos. Dois tipos de ameaças são claras: o assassinato, para “limpar a sociedade”, e a normalização do aviso “sua hora vai chegar”.

Esta propaganda legitima a discriminação. Um “Brasil melhor” significa agora a eliminação de alguns de seus cidadãos, defendida pela plataforma programática do representante eleito. LGBTs, feministas, índios, negros, quem luta por um teto ou por terras, estudantes, também são alvos, visados por políticos, grupos religiosos, personalidades de direita, como esse ex-ator pornô que se tornou deputado de Brollywood, como outros que foram espancados nas urnas, são indicados ao governo em nome da luta contra a corrupção. É a institucionalização da perversão em nome da luta contra transgressões. Provavelmente, as declarações democráticas não serão suficientes contra ela.

⁶ Antropólogo, coautor de *O ódio como política*, E. Solano (org), São Paulo, Boitempo, 2018.

Memórias eleitorais

Rafael Alves Lima⁷

Como estudante de doutoramento em Inglaterra, não votei. O Colégio Andradas, em Santos, é onde voto, na praça em frente à casa de minha avó materna, Dona Maria, onde, em criança, jogava futebol entre bicicletas apressadas, cães preguiçosos e chicletes que comprávamos de uma outra Dona Maria. À noite, as crianças não podiam brincar na rua. Eram os irmãos mais velhos que ocupavam as ruas, de bicicleta, vendendo algo aos transeuntes apressados. Votar, para mim, é voltar às cenas da infância, às brincadeiras de dia e ao medo da noite.

“O festa da democracia”, dizem eles. Durante algum tempo, fez sentido para mim. Confetti, os milhares de papéis no chão que costumávamos levar para dar aos políticos, bigodes ou chifres esenhados neles. Ninguém parecia preocupar-se com o voto, todos traziam o nome de seu candidato num pedaço de papel para se lembrar ou pegavam um flyer no chão, heranças de nossa ditadura, quando não podíamos sequer ou quando nosso voto era, de toda maneira, inútil. Há vestígios de ditadura no Brasil.

A eleição de Bolsonaro me lembra os pobres, os negros e os periféricos da minha infância, minha origem social e familiar, aqueles que entendem a política como um programa de televisão de elite, porque a vida é, como sempre, muito difícil. Há um ditado que diz que, se eleição mudasse algo, teria sido proibida, e mesmo que mudasse algo, há muitos para quem não mudou nada. Além disso, revolução parecia ser palavrão para os reformistas dominantes. O golpe de Estado de 2016, revestido de legalidade, já anunciava as eleições de 2018. O golpe de misericórdia foi impiedoso: tantos sentimentos destruídos que reduzir esta experiência aos efeitos do ódio ou da vingança seria puro psicologismo. A psicanálise poderia dar uma antropologia da política ou uma etnologia das eleições, porque o voto é uma expressão de lugar social, de classe, raça ou gênero, um projeto para o futuro, com pressa de se afirmar. Durante os resultados, ouvi na rádio um dos meus comentadores favoritos dizer, “A vida está realmente mudando... Quero dizer, pra pior.” Chorei. Digo aos jovens sem dinheiro no banco, sem pais ricos e vivendo perto das praias, nada é divino, nem maravilhoso nem misterioso. Continuamos com a Praça, com Donas Marias, futebol, crianças, irmãos mais velhos, cães preguiçosos e transeuntes, para desespero dos neo-fascistas no poder, resistimos, dia e noite, lutando, como sempre.

⁷ Doutorando em cotutela, Christian Duncker, USP, São Paulo, e Julia Borossa, Middlesex University, Londres. A psicanálise durante a ditadura militar (1964-1985). *História, clínica e política*.

**Neutralidade, negligência, abstinência do analista
E o WhatsApp?**

Denise Maurano⁸

O tsunami de Bolsonaro espalhou a agonia dos últimos momentos. A política invade a intimidade e provoca o debate sobre o analista. Já o dissemos, em público ou em privado. Para mim, algumas situações puseram-me à prova. A ode a Bolsonaro de alguns pacientes levou-me a renunciar à abstinência. O ressentimento contra Lula e seu partido fez com que alguns pacientes ficassem surdos ao discurso do Messias, o que me permitiu questioná-los. Outra experiência foi a identificação especular, quando a concordância com a paixão do analista criou o perigo de tornar secundária a escuta analítica. Mas foi mais uma paciente que teve uma experiência única.

Ela teve um belo e longo percurso analítico. Satisfeita, decidiu parar. Anos atrás, entrou em crise, com um diagnóstico de psicose. Médica, com sessenta anos de idade, diretora do hospital para quem tinha dedicado sua vida com rigor e disciplina, tendo assistido o desmantelamento de seu serviço e empurrada a se demitir, ela se destruíra. Sentia-se perseguida sem “seu serviço”, acordou assustada, com a sensação de dormir com seu pai, a quem amava tanto que queria ser médica para salvá-lo do câncer.

A transferência funcionou e a análise com ela. Curiosa, surpreende-se um dia, quando se ouve falar da sua saída de “seu serviço”. “Não foi fácil deixar o meu quartel-general”. Sublinho isso e ela associa ao seu pai, de quem herdou a disciplina de general de um exército da ditadura. Ela disse que ainda ouvia sua frase: “Cuidado, como general, cabe a mim pagar, por tuas escolhas.” Ela percebe que sua rigidez, consigo mesma e com os outros, pesa sobre ela, porque a vive como uma tentativa de seduzir seu pai. Para ser como ele, tanto quanto uma criança, ela o acompanhava à pesca e às atividades de “solteiro”. Saindo de “seu serviço”, teve de enfrentar o luto de sua morte, já que o tinha evitado escolhendo um marido parecido com seu pai e tornando-se a diretora de “tolerância zero”, também como seu pai.

Essa mulher, que mudou com a análise como “da água pro vinho”, reapareceu através das mensagens de WhatsApp pró-Bolsonaro, o que me surpreendeu, não só por seu percurso analítico, mas também pelo seu apego às causas sociais. Eu me absteve de respondê-la, mas depois de mais uma mensagem, percebi que tinham em comum o chamado para uma organização militar. Bolsonaro significava o regresso do pai. Também considerei que, neutra, sem

⁸ Psicanalista, Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, professora de psicologia médica, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

responder-lhe, eu a negligenciava. Dei-lhe uma mensagem: “De volta ao serviço? Volte à análise.” Suas mensagens pararam. Hesitei em enviar-lhe minha mensagem, porque a transferência, sendo bidireccional, a minha implicava a dela.

Todos nós fomos testados durante estas tempestades que nos devastaram e continuam a devastar, mas aprendi na minha clínica a distinguir entre negligência irresponsável, quando o analista fica surdo e esconde o medo de seu ato, neutralidade hipócrita, quando ele exhibe a falsa posição de ser neutro, e abstinência que sustenta nossa ética. Sobra uma questão sobre o uso do WhatsApp na análise. Em frente, para a luta.

**Entre o medo e a paranóia
Entre hashtag e interpretação**

Liana Albernaz de Melo Bastos⁹

O agravamento da crise e a campanha presidencial trouxeram a política de volta ao meu gabinete, com pacientes de classe média. A política, através das redes sociais, expandiu-se. Uma das resistências mais fortes ao candidato de direita veio de grupos de mulheres. O programa misógino e homofóbico reuniu-as sob a hashtag #EleNão (#PasLui) e gerou manifestações de mulheres em todos os lugares, reunindo milhares de manifestantes de minorias atacadas.

A extrema-direita fez uso extensivo das notícias falsas. Um dos seus alvos eram os movimentos de mulheres. As imagens pornográficas foram associadas a elas, desqualificando o feminismo. O discurso moralista tem sido ecoado nos movimentos pentecostais.

Durante as eleições, a polarização do país tornou-se radical. A eleição do candidato de extrema-direita implicou que aqueles ameaçados por declarações fascistas tentaram proteger-se. Criámos um novo hashtag, #ninguém deixa ninguém para trás. Oscilamos entre medo e paranóia.

Imediatamente após o primeiro turno das eleições

L. é uma jovem que sofre de grave doença auto-imune quiescente, com grandes dificuldades de associação e lacunas de pensamento. Até então, a situação política não tinha surgido em suas sessões.

L. : - Ontem foi meu aniversário, meu marido e eu decidimos não comemorar com nossos amigos. Tínhamos medo de discussões. (Pausa longa). Sabe, há muito ódio...

Eu: #Ele Não. #Você sim.

L. sorri, aliviado.

Depois das eleições.

A filha de R., uma adulta, voltou para casa, tendo perdido o emprego. Ontem à noite, chegou em casa com uma amiga, que tinha sido agredida pelo noivo e saiu sem nada.

A: - Esta humilhação terrível das mulheres. Ainda mais agora, com este novo presidente... o nosso sofrimento, total. (Ela chora). Já não sei o que fazer para ajudar esta amiga.

Eu: - Ninguém larga a mão de ninguém.

R: - Lembro-me das humilhações que sofria, mais jovem, com X (seu ex-marido, que abusou dela, donde sua vinda à análise). Consegui sair disto. Encontrei forças...

Que ela saiba que não está sozinha.

⁹ Membro da Sociedade brasileira de psicanálise, professora de psicologia médica, Universidade federal do Rio de Janeiro.

Eu, Miriam, Negra, Psicóloga, Petista

Miriam Oliveira Sousa¹⁰

Nasci em 1958 na favela da Rocinha, Rio, e meu irmão dois anos depois. Meu pai era guarda florestal, negro e compositor de samba; minha mãe era mestiça, dona de casa, católica praticante, nascida em Pernambuco, de onde partiu ainda criança, com sua família, camponesa em busca de uma vida melhor, aqui no bairro de Deodoro.

A minha mãe e o meu pai mudaram-se para a Rocinha. Quando criança, mudámo-nos para a favela da Gávea. As nossas condições ainda eram precárias, mas adorava ir à praia com nossa mãe. Também visitámos meus avós. Minha avó lia os jornais em voz alta, comentava as notícias, contava histórias de invasões holandesas, do cangaço de Lampião. Os meus avós viviam da sua horta e da sua quinta, em sua casa de barro, da água de poço natural. Quando eu tinha cinco anos, tivemos que mudar para a favela da Cité Alliance por causa da “reforma urbana”. Meu pai viveu fora do hipódromo até se tornar guarda de praças e jardins, enquanto pagava as contas, vendendo frutas nas praias. Meu irmão e eu fomos para a escola local, sonhando em aprender inglês, mas nossas condições financeiras não o permitiam. Só muito mais tarde pude ir para a universidade, graças aos programas de ajuda aos estudantes pobres.

Formei-me em política na Igreja, com a chegada de um padre italiano que nos introduziu à Teologia da Libertação, à história do Brasil, que nos falou de ditadura, música popular, teatro, colônias de férias. Desenvolvemos um pensamento crítico e começamos a defender na comunidade os nossos direitos e melhores condições de vida.

Em 1980, criámos o Partido dos Trabalhadores. Em 1989, fui para a universidade; afastei-me do militância e continuei com o partido. Em 1995, formei-me em psicologia, psicodrama psicanalítico.

Entre 2003 e 2011, trabalhei em serviços integrados de saúde mental, no Serviço Único de Saúde (SUS) promovido por Lula, depois por Dilma. Trabalhei em Centros Psicossociais com pessoas que sofrem de doença mental, sem internação, em Clínicas de Família, localizadas em áreas residenciais, com enfermeiras/os e médica/os de família, um sistema de prevenção focado no paciente como sujeito, coluna dorsal de uma expansão de serviços nunca antes vista no Brasil. Com a Assistência Social, foram garantidos os direitos da população vulnerável de rua, crianças, adolescentes, adultos e idosos, cuja prioridade era a reintegração comunitária e o atendimento humanizado.

¹⁰ Psicóloga clínica, militante, desempregada.

Em 1996, nasceu a minha filha, Sara, negra como eu. Ela estudou nas melhores universidades através de programas de ajuda para estudantes desfavorecidos, estudou inglês na Cultura Inglesa e, com uma bolsa de estudos integral, o francês na Alliance Française. Ela está estudando, fazendo seus estágios, e trabalhando como recepcionista em um grande hotel.

Com o golpe de Estado institucional contra Dilma em 2016, o mercado de trabalho entrou em crise, fui demitido após a eleição de um governador evangélico, que não está interessado em programas de saúde, assistência e educação. As eleições confirmaram o golpe de Estado e o desmantelamento de tudo o que foi feito durante muito tempo. Voltei à militar e à participar de grupos de resistência política, o que se há de fazer?

Visão geral da ignoródio no Brasil

Antonio Quinet¹¹

No Brasil, um discurso fascista que autoriza, banaliza o mal e finalmente o legaliza instalou-se no poder. A intolerância à diferença tornou-se regra e permite que eleitores conservadores de Bolsonaro cometam atos de violência contra gays, negros, mulheres e opositores de um único pensamento, imposto com paixão. Aqueles que o apoiam, orgulham-se. São tempos de incitamento ao ódio como política, combinando duas paixões — ódio e ignorância. O debate torna-se um insulto à razão, a violência dos argumentos, mensagens enviadas massivamente online, imbecilidade, visando o estabelecimento de um Estado neo-pentecostal com a destruição da saúde pública e da educação, e o estabelecimento de um governo ultraliberal, que vê “comunistas” em todo o lado e considera que a educação sexual nas escolas é “doutrinação homossexual” e imposição de uma “ideologia de gênero”. Quem resiste é alvo do ignoródio.

A ignorância é o fundamento da ignomínia, que tem como alvo o outro como sujeito, indigente, tratando-o como abjecto, seja mulher, vítima do machismo, gay, vítima da homofobia, ou negro, mestiço, índio, vítimas do racismo.

A base do racismo é o ódio pelo gozo do Outro, que é diferente do meu. O negro é hostilizado devido à sua “astúcia” e “promiscuidade”, por não ser “sequer útil para a procriação”, o gay por causa de seu prazer extraordinário porque “não foi punido”, o índio por sua “indolência”, e as mulheres por serem “ordinárias”. A direita quer forçar os gays a voltarem para o armário, as mulheres a voltarem para suas cozinhas, os negros às senzalas e os adversários a voltarem para prisões escuras ou para o exílio.

Os filhos e tabus do pai do *Totem* mataram o tirano do mito freudiano; os filhos do pai fascista identificaram-se cegamente com o ‘Mito’ (como os fanáticos chamam Bolsonaro) e perseguiram seus inimigos, procurando “acabar com preguiçosos”, cumprindo a promessa de “Fazer uma limpeza como nunca antes se fez”. Este projeto eugenista visa limpar qualquer gozo anômalo e instalar ordem e progresso em nome da família, da pátria, de Deus e do capital.

Cabe-nos a nós, psicanalistas no Brasil, lutar pela diversidade do impulso sexual, pela livre associação de cidadãos e idéias, contra a rejeição do conhecimento, pelo sujeito do desejo que também é sujeito da história, pela singularidade do sintoma de cada um, pela sua maneira de desfrutar do seu inconsciente.

¹¹ Psicanalista, Fórum do Campo Lacaniano, psiquiatra, doutor em filosofia, professor do doutorado de psicanálise da Universidade Veiga de Almeida, dramaturgo.

Da Frente Ampla ao Populismo Psicanalítico

Prado de Oliveira

O EBEP (Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos), correspondente brasileiro do Espaço Analítico, tem desempenhado um papel importante no Rio de Janeiro e em certo sentido no Brasil, na mobilização de psicanalistas para enfrentar a catástrofe política que está atingindo o país, em pelo menos três ocasiões cruciais.

Enquanto muitas instituições estavam redigindo textos semelhantes, coube à EBEP, conduzida por Joel Birman, Leila Ripoli e desenvolver e disseminar um Manifesto de Psicanalistas Unidos pela Democracia¹² convergindo com o Manifesto pela Democracia da Articulação das Entidades Psicanalíticas, órgão mais abrangente ao nível nacional. Quase setenta instituições psicanalíticas brasileiras o assinaram, comprometendo-se a monitorar e lutar pelos princípios democráticos. A intimidade entre a política e a psicanálise tornou-se flagrante e óbvia. Mesmo que sempre tenha existido e marcado as origens da psicanálise, agora no Brasil ela explodia com urgência específica dos pioneiros da disciplina em Viena. Os títulos que ligam política e psicanálise se multiplicavam¹³.

Neste clima de urgência, enquanto em São Paulo o Fórum de Campos Lacanianos e os professores de psicanálise da Universidade de São Paulo, reunidos em torno de Marilena Chaui, Vladimir Safatle e Christian Duncker, e a Revista Brasileira de Psicanálise, coordenada por Marina Massi, convocavam reuniões em defesa da democracia, o Manifesto foi utilizado pela EBEP, para convocar uma primeira assembléia, reunindo cerca de 200 psicanalistas do Rio de Janeiro, para discutir a convocação de uma segunda reunião dirigida desta vez a instituições psicanalíticas, visando organizar uma Frente Democrática; convocando psicanalistas a se instalarem nas ruas, com o povo, e criou uma lista Whatsapp de participantes do encontro, com o objetivo de divulgar rapidamente informações e levar um sentimento de grupo aos psicanalistas cuja solidão estava pesando sobre sua angústia. Antonio Quinet, do Forum dos Campos Lacanianos do Rio

¹² Divulgados na França por Édipe, com Laurent Levaguerèse, Appel des appels, com Roland Gori, Espace Analytique, com Alain Vanier, Société psychanalyse et médecine, com Danièle Brun, *Psychologie clinique*, com Olivier Douville, coordenados na lista “Démocratie Brésil”, com Prado de Oliveira.

¹³ Exemplos: Joel Birman e Christian Hoffmann, *Psicanálise e Política: uma nova leitura do populismo*, 2018; Miriam Debieux Rosa, Ana Maria Medeiros da Costa e Sérgio Prudente, *As escritas do ódio, psicanálise e política*, 2018; “Política I”, *Revista Brasileira de Psychanalyse*, dirigida por Marina Massi, 2018, primeiro volume de uma trilogia consagrada ao assunto;

de Janeiro, e Luciano Elia, do Laço Analítico do Rio de Janeiro, deram apoio fundamental ao surgimento do Psicanalistas Unidos pela Democracia.

Esta lista usando redes sociais, “Psicanalistas Unidos pela Democracia” ou simplesmente “Psicanalistas unidos”, convergiu com uma lista similar criada em São Paulo, “Psicanalistas Democracia”, através de uma ponte estabelecida a partir de Paris e da lista “Brasil Democracia”.

Quanto ao convite aos psicanalistas para irem ao povo, saindo de seus escritórios e indo às praças, “Psicanalistas na Praça”, convergiu com movimentos espontaneos de muitos de nossos colegas indo às praças do Rio, de São Paulo, de Brasília, de Salvador, de Belo Horizonte, de Porto Alegre, de Florianópolis e outras inúmeras cidades, — com placas indicando sua condição, cadeiras e bancos para receber todos qui quizessem falar com psicanalistas e discutir o sofrimento causado por campanhas políticas alimentadas pelo ódio. “As eleições te machucam? Vamos falar sobre isso.” — dizem muitos cartazes.

Grupos psicanalíticos se multiplicam espontaneamente no Brasil cujas denominações se referem à psicanálise populista, no sentido dos primeiros populistas russos, como “Psicanálise na praça” no Rio Grande do Sul, “Psicanálise na Praça Roosevelt”, em São Paulo, “Psicanálise na rua” em Minas Gerais, e até mesmo uma “Psicanálise no Jacarèzinho” (favela). “Comunidades” e “periferia” tornam-se as palavras de ordem de um populismo psicanalítico revolucionário, antes dos grandes encontros no Rio ou em São Paulo. “Populista” originalmente se refere a este movimento de ida ao povo, a palavra sendo deformada mais tarde em processo bem conhecido por linguistas. Considerar o apelo fascista às massas como “populista” é ignorar a dimensão revolucionária na origem desta palavra e capitular na frente de luta pelas palavras.

O futuro parece perigoso para a psicanálise e para o povo brasileiro.

Brasil mostra a cara

Vera Iaconelli¹⁴

Depois de uma luta incessante durante as últimas eleições, buscando enfrentar um espetacular movimento retrógrado, saímos desanimadas e perplexas, diante do impensável: o discurso lamentável e a oração de Jair Messias Bolsonaro. “Incrédulos” seria uma palavra fraca para descrever nossa condição.

Escrevo em estado de choque com o reconhecimento do nosso descuido diante dos sinais evidentes do que estava por vir, prisioneiros da ilusão do discurso democrático, inclusivo e sensível às minorias, bem como da ilusão de falar aos brasileiros em nossa transmissão da psicanálise, quando estávamos apenas falando para nós mesmos.

Caetano Veloso (1978) nos advertiu quando cantou que “Narciso odeia o que não é seu espelho”. Ao passarmos de nossas universidades para nossos escritórios — frequentados por nossas elites — ignoramos a ameaça, nossa escravidão passada, misógina e nossa história de luta de classes, acreditando no poder da lei, que pode ser transgredida, modificada, destruída. A criação de uma consciência ampla e o reconhecimento da nossa história não teria sido possível sem o confronto do nosso passado recente, marcado pela tortura e pela ditadura. Tivemos muito poucos momentos de democracia em quinhentos anos da nossa história.

No meu gabinete, uma coisa rara, no início de cada sessão, um paciente após outro, sublinhava o desespero da situação com frases idênticas, a angústia palpável. Mesmo que todos experimentassem o evento comum a partir de sua própria perspectiva única. Nesta triste ocasião, aprendemos sobre os elos entre estrutura e história.

Reunimo-nos com o objetivo de criar uma frente de Psicanalistas pela Democracia sem a pretensão de falar em nome da psicanálise, mas em busca de vínculos que nos fortaleceriam diante da ameaça de uma proibição da própria psicanálise. Superámos as nossas divergências em nome da luta comum contra a barbárie.

Atravessando o tempo da compreensão, no luto das nossas ilusões, chegamos ao momento de concluir. O mais significativo foi então a abordagem singular de cada um nas ruas. Com uma cadeira e um cartaz, saímos de nossos escritórios e fomos ao povo. Os cartazes diziam: “Vamos falar de política”, “Tem dúvidas sobre teu voto?” E as respostas eram muito mais ricas do que as das nossas redes sociais. Conseguimos até acreditar na nossa capacidade de virar tudo de cabeça para baixo, de virar o voto.

¹⁴ Psicanalista, membro do Forum dos Campos lacanianos, jornalista da *Folha de São Paulo*, autora de *Malestar dans la maternité, de l’infanticide à la fonction maternelle*.

Prosseguindo a luta, devemos continuar presentes em nossas ruas, contando com a psicanálise em extensão, sem perder de vista a psicanálise em intenção. Terminando nosso isolamento, devemos mover nossa escuta bem além dos muros por trás dos quais nos trancamos em nossas torres de marfim.

Psicanálise na Rua

*Vera Iaconelli
Prado de Oliveira*

Na Praça Roosevelt, os psicanalistas oferecem sessões gratuitas. Um adolescente aproxima-se e pergunta se consegue ser atendido por um psicanalista. O nome dele está na lista de espera. O sol queima ao meio-dia no centro de São Paulo. A pirâmide de cadeiras empilhadas, um cartaz dizendo “Consultas de psicanálise sábado de 11 a 15” marca o espaço onde psicanalistas e pacientes se afastam em busca de um lugar para sentar e conversar. Escolherão sombras que os receberão e uma sessão de livres associações será realizada para falar sobre si mesmos e ser ouvidos. Nada é gratuito para quem é socialmente desfavorecido porque sua escolha custa transporte, tempo, disposição, esforço e coragem.

Um pouco mais além, em círculos, psicanalistas organizam grupos de estudo abertos. Quase sempre um sem-abrigo se junta a eles e escuta atentamente. Eles também são recebidos o mais rapidamente possível. Para organizar as filas e contar o número de sessões, um caderninho vermelho inscreve os nomes dos que aguardam. Moradores de outros bairros, conhecendo o evento através do Facebook ou de boca em boca, vêm aqui, sendo às vezes atendido por um psicanalista estável, às vezes por outros, disponíveis. Às vezes são pacientes encaminhados por serviços públicos sobrecarregados, numa curiosa inversão.

Para não ser perturbado no espaço público, era necessário que o coletivo de Psicanálise na Roosevelt conquistasse a confiança de síndicos e porteiros, também de policiais da rua, e que aprendesse a evitar a eterna curiosidade daqueles que tentam se aproximar para ouvir conversas íntimas. A Praça e a sua vida cotidiana constituem o quadro das sessões.

Um teatro próximo abre-nos as portas gratuitamente nos dias de chuva, enquanto um vizinho se propõe a guardar as cadeiras, libertando os psicanalistas desta cruz diária.

O coletivo de Psicanalistas da Place Roosevelt é formado por jovens com sólida formação universitária, das melhores universidades, que escreveram artigos em revistas especializadas de qualificação. São apoiados por psicanalistas de renome que os supervisionam. Outros coletivos oferecem esse tipo de trabalho em outras cidades de São Paulo ou em outras capitais ou cidades brasileiras. Estes grupos, embora inspirados por diferentes teorias, mantêm intercâmbios sobre questões fundamentais relacionadas com as suas práticas e constituem um tecido essencial de apoio mútuo.

Inspirada por judeus imigrantes fugindo da Galícia ou de outros Terceiros Mundos da época e do Império, buscando acolhida

em Viena, Berlim ou Budapeste, A psicanálise nasceu e desenvolveu-se supostamente isolada do mundo, segundo o modelo da consulta médica tradicional da histeria, incluindo o uso do divan. Adotando esse dispositivo confessional, os psicanalistas se prestaram a serem fagocitados por práticas psiquiátricas tradicionais que, entretanto, denunciavam. Estes jovens poderiam vir revolucionar estas antigas práticas, propondo dispositivo radicalmente diferente para a prática, da psicanálise, mais próximo de tradições populares, à vista de todos, mas preservando a intimidade do colóquio singular. Enquanto mantiverem a livre associação de seus interlocutores e sua própria atenção flutuante, sua prática permanecerá dentro do campo da psicanálise. Não se trata de uma solução para o problema da saúde mental no Brasil, mas de um modelo de ação solidária coletiva no espaço público, hoje dolorosamente esvaziado.

No meio de um verão quente, uma brisa refrescante. Que nossos nomes se inscrevam entre os deles.